

REVISTA  
DE

# TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL  
DE TURISMO, PROPAGANDA,  
VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE  
E LITERATURA ◻ ◻ ◻

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO VI  
II SERIE

5 DE AGOSTO 1921  
N.º 110

DIRECTOR : AGOSTINHO LOURENÇO  
SECRETARIO : JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL : GUERRA MAIO  
EDITOR : F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 — TELEFONE 2337 CENTRAL

## O TURISMO E O PATRIOTISMO

### O NOSSO GRANDE MAL

NUMA muito recente visita que fizemos a algumas povoações do Norte, pudemos constatar quanto o turismo é, infelizmente, uma coisa incompreendida ainda em o nosso Paiz. Estivemos n'algumas antigas cidades; visitámos logares de verdadeiras tradições historicas; demorámo-nos em diversas estancias climatericas; atravessámos estradas e caminhos e, por toda a parte, notámos uma vida que, em nosso entender, não devia nunca harmonizar-se nem com o nosso temperamento de meridionaes, nem com o ambiente que circunda o largo palmo da terra portugueza.

Terra d'encantos, terra de belezas; terra de mulheres formosas e de visões sonhadoras; paraizo de fadas; archivo de sacratissimas joias do seu patrimonio; terra em que as serras choram para refrescar os prados, e a que o Mar empresta a frescura das suas emanções para suavisar o colorido carregado das tintas solares. Terra de telas formosissimas traçadas singelamente pela mão do Divino Mestre, em que as fulgurações da Natureza se mostram com a mais invejavel e extraordinaria realidade. Terra de promissão, d'enlêvos, de fantasias que se tornam em realidades,

de realidades que são alegrias, vida, recreio — alimento do espirito e da alma!

...E, no emtanto, os seus habitantes, da especie forte, são, na generalidade, o que vêmos em cada exemplar d'essa especie. N'eles se manifesta, por uma forma definida e incontroversa, uma falta grande, enorme, sensibilissima — a carencia de patriotismo.

E' extranha a concepção que a maior parte dos homens portuguezes fazem d'esse nosso mais caro sentimento. Atribuimo-la, porém, a remota origem, tendo chegado a nossos dias por um singular atavismo.

E, que nos conste, ninguem pensa em pôr um dignificador termo a este crime, que vem já corroendo os mais fundos alicerces da nossa nacionalidade.

Em contraposição, o que vêmos?

— Egoismos; vaidades; comodismos; inércia — emfim, uma pavorosa escala de desnacionalisação.

A estúpida e apathica imobilidade da grande maioria concede a uma pequena, mas audaciosa e atrevida minoria, a liberdade dos mais absurdos crimes de lesa-nacionalidade; e o mais grave, o mais hediondo de todos, é precisamente aquele



que se representa pela falta de patriotismo, mãe de todos os consequentes dislates, das mais disparatadas e desastrosas concepções que teem sido postas em pratica, não só contra a indole da propria individualidade, mas, tambem, com escarneo ás consequencias da ventura que a Felicidade nos proporcionou.

— O que é a ironia da sorte!!!

E' claro que, depois d'esta facil deducção, chega-se á mais facil conclusão de que não é para admirar que o turismo seja uma industria ainda incomprehendida pelo *bom* povo indigena.

D'ahi a razão porque... nos admiramos de não estar ainda tudo arrazado.

Quando um dia se comprehender que o turismo não é só propriamente uma industria

de resultados positivos, mas, sobretudo, a forma, o meio, a maneira, emfim, de nos arreigarmos ao que nos pertence, pelo conhecimento do que temos, pelo estudo do que constitue o nosso mais caro e precioso patriotismo; que é um dos caminhos para começarmos sentindo o rejuvenescimento d'esse indefectivel sentimento que é o patriotismo, que nos deve ser transmitido na mais indissolúvel tara hereditaria e na comunhão da familia; então Portugal será uma nação de turismo.

Até lá, o esforço para se conseguir isso é superior ao que a nossa geração possa dar.

N'isso já nos convencemos.

JOSÉ LISBOA

## AS ESTRADAS EM PORTUGAL

### DAS CALDAS DA RAINHA

### A' BATALHA UM... PAVOR

**E'** inacreditavel que se chame estradas de turismo, ás estradas actuaes. Fizemos ha dias uma excursão das Caldas da Rainha á Batalha, onde fomos de automovel; ficamos aterrorisados com o que vimos e com o que padecemos n'essa excursão de recreio, que mais parecia uma travessia n'uma *chata* no mar largo em dias de verdadeiro temporal, tal eram os balanços que démos.

Escapámos de ficar mortos devido á pericia do *chauffeur*, que procurava vencer aquella difficil gymkana cheia de obstaculos; obstaculos estes, que se profundavam na maioria dos casos, em 70 a 80 centímetros! Já é uma delicia...

A não sêr um lance em bom estado que vae de Alcobaça á Batalha, todo o resto é uma verdadeira inferneira de sobrodas e saltos que faz perder a vontade de lá voltar.

Segundo informações colhidas no ca-

minho, houve durante o periodo de propaganda eleitoral muitas promessas de arranjos nas estradas; e, realmente, encontram-se, aqui e alem, montes de pedra para os taes prometidos arranjos; mas as eleições já se fizeram, e as obras ficam a dormir o somno dos justos, como tudo que seja preciso para o bom nome portuguez.

Ora, este estado de cousas não póde continuar. E' preciso que as estações officiaes, olhem com olhos de vêr para estes e outros melhoramentos locais, onde ha tudo a lucrar e nada a perder.

E' preciso que as camaras concelhias tratem d'estas cousas a valer; é necessario acabar com a politiquice, e que elas olhem pelos interesses locais e regionaes; é indispensavel que elas cuidem bem destas e outras pequenas cousas, cuja manutenção lhes incumbe, pois a continuar o mesmo estado em que se encon-



trem os meios de comunicação, o acesso aos nossos pontos de turismo dentro em pouco será impossível.

Para prova, bastará citar o que sucedeu conosco.

Na volta ás Caldas, tivemos a infelicidade de nos suceder a tal fatalidade. Ao nosso automovel, n'uma funda sob-roda, partiu-se o eixo. Estavamos muito proximo de Tornada e tivemos de calcurriar a pé o trajecto até aquella estancia d'aguas.

Francamente, desejaríamos que tal succedesse a todos os ministros de comercio e comunicações que tem tido assento nas cadeiras do poder, para assim ajuizarem a delicia das estradas que possuímos, excepção feita ao Sr. Dr. Antonio da Fonseca que alguma cousa quiz fazer, mas que o parlamento não sancionou.

E' necessario estudar-se a questão em

quanto é tempo e acudir-se já e rapidamente para que um dia seja um facto a felicidade de podermos dizer que já possuímos estradas de turismo. Se as abandonarmos de todo, só daqui a 50 anos é que poderão os nossos filhos começarem a arranjar novas estradas, bem dizendo do patrimonio dos seus paes.

A. L.

## O TURISMO EM PORTUGAL

CONSTA que vae ser proposto ao governo um projecto tendente a desenvolver o turismo no nosso paiz, pelo distincto engenheiro sr. Manuel Roldan y Pego, Director da Sociedade Propaganda de Portugal.

## Façamos a Propaganda de Portugal

A PROPOSITO DO 5.º ANIVERSARIO DA REVISTA DE TURISMO

N'UM paiz onde a idéia de turismo anda agregada—ou, antes, subalternizada á destruição do historico e precioso mosaico do Rocio e aos remendos vexatorios dos cimentos da Avenida, não se póde dizer, sem praticar um crime de lesa-patriotismo, que uma propaganda incessante e intensa se torna ociosa ou, pelo menos, de contestavel necessidade.

Ha muito que fazer ainda, n'esta nossa terra privilegiada, com que a Natureza tão pródiga foi de condições e de encantos para nos acharmos auctorizados a pertencer ao número dos paizes que devem estabelecer entre si a permuta de forasteiros.

Faltam, quasi por toda a parte digna de se vizitar, as comodidades mais rudimentares. No acesso aos pontos que merecem ser recomendados, ha vergonhas que o desleixo de emprêsas exploradoras e a incuria dos municipios deixam flores-

cer através de todos os pruridos da civilização, de todas as tentativas do progresso. Se alguma coisa se tem feito, é... o que todos nós estamos vendo por ahi desfeito: — as estradas intransitaveis, a desarborização das praças e dos campos, das serras, a ruina dos monumentos, o abandono sacrilego das reliquias nacionaes! E todp esse desbarato do nosso querido e rico patrimonio de portuguezes ainda por cima em promiscuidade desoladora com os mais primitivos, sujos, irregulares e escandalosamente caros meios de transporte... quando os ha!!

Isto, na sua rude simplicidade, na sua verdade tristissima, quere dizer que a *Revista de Turismo*, se não existisse, era preciso inventa-la. A sua acção benemerita, nos seus cinco anos de vida e, consequentemente, de lueta, está bem assignalada e reconhecida por quantos com o mais entusiastico ardor amam o berço



patrio. Portugal — as suas preciosas pay-sagens, os seus soberbos panoramas, todas as riquezas naturaes — deve já á *Revista de Turismo* uma grande obra de propaganda. Por muito que essa obra custe a fecundar; porque o terreno espirital de quem de direito leva tempo a desbravar

para que a boa semente germine, ela tem um lugar marcado no futuro da terra portugueza, que os estrangeiros, decerto, hão de poder vizitar, algum dia, sem se sorrirem desdenhosos, nem nos fazerem córar desprestigiados.

FERNANDO MENDES.

## OS BANCOS DE RAMALHO

### NO GEREZ

Discurso proferido na cerimonia da inauguração dos «Bancos de Ramalho» na Serra do Gerez, em 28 de Julho de 1920, pelo Sr. Manoel Emygdio da Silva.

MINHAS SENHORAS, MEUS SENHORES.

A inscripção gravada no bronze da placa, n'este momento descerrada, diz bem explicitamente que este Banco não tem a minima pretensão a monumento. Como ainda não pôde ser lida por todos os que se acham aqui presentes, vou dizer-vos as palavras que ali foram inscriptas :

«Em umas toscas pedras, a que os frequentadores do Gerez chamavam «os bancos do Ramalho», costumava vir aqui sentar-se, lendo e escrevendo, o notavel escriptor José Duarte Ramalho Ortigão, que tanto honrou a sua terra e tanto quiz a esta região. A Sociedade Propaganda de Portugal no mesmo lugar mandou levantar-lhe esta singela homenagem delineada pelo architecto Raul Lino, de Lisboa, no ano de 1920.»

Nem monumento, nem «memoria» se deve portanto chamar a estes bancos. Se não fosse um arcaismo, denominal-o-íamos um «padrão», como outr'ora eram designadas essas modestas columnas, encimadas por heraldicos remates ou outros emblemas e no envasamento das quaes se lêem por vezes ingenuas inscripções, em que se

recorda a passagem ou algum acto notavel de proeminentes personagens, que nunca foi pretensão immortalizar por aquella fórma.

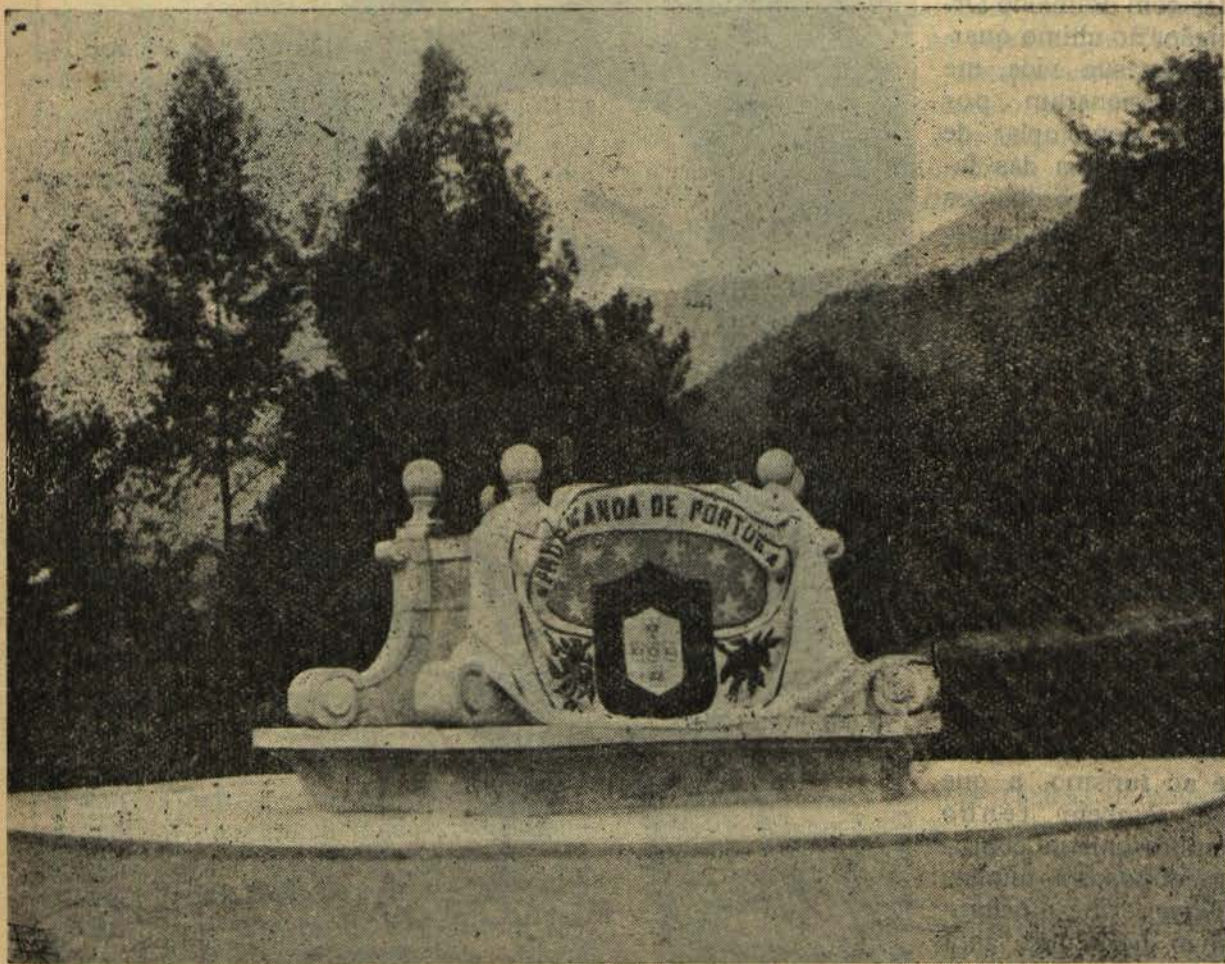
Com efeito, os bancos que o talentoso architecto Raul Lino delineou, estylizados pelo seu lapis de requintado gosto, foram inspirados em um trecho de architectura regional — um banco do claustro do proximo mosteiro cistercense de Santa Maria do Bouro — e não visaram nunca, apesar das suas linhas academicas, a ser um monumento. Di-lo expressamente o notavel artista em um relatorio que elaborou quando aqui veio ha pouco examinar como foi executado o seu projecto e ao qual dedicou o mais devotado interesse, que n'esta ocasião, em nome da Sociedade Propaganda de Portugal, aqui lhe agradeço com o mais comovido reconhecimento.

«E' preciso, diz este relatorio, não querermos ver n'esta obra um monumento que como tal bem pudesse figurar a meio de qual-quer cidade, mas — e n'isto haverá talvez maior concordancia com o gosto d'aquela cuja memoria se pretende honrar — encaremol-a antes como estylisação de um banco rude, obra rustica que se ligue bem com o local em que está, ficando preparada para receber o complemento indispensavel que a Natureza depressa se encarregará de fornecer, manchando-a de variegados liquens e musgus.»



Ficando pois excluída toda a idéa de monumento d'esta singela lembrança, mal pareceria fazer coincidir o modestissimo preito que nos reúne aqui com um discurso inaugural em que fosse feito o panegyrico do illustre escriptor, cuja critica faiscante e como ele, vigorosa, sadia e desempenada, tão notavel influencia exer-

faltar-me-ia tambem uma condição essencial para discursar ácerca de um homem de letras nosso contemporaneo — a do seu convivio literario. Apesar de eu ter colaborado durante algumas dezenas de anos na redação do jornal lisboeta, onde o espirituoso novelista do *Misterio da Estrada de Cintra* firmou com Eça de Queiroz,



Os Bancos de Ramalho no Gerez, momentos antes da sua inauguração, cobertos com a bandeira da «Sociedade Propaganda de Portugal»

ceu na sociedade portugueza do ultimo quartel do seculo XIX.

Em todo o caso, não seria eu que a tão ousado cometimento abalançasse a minha notoria incompetencia. Para vos falar da extensa e quanto dispersa obra de critica e de boa propaganda de realismo util feita pelo elegante e vernaculo escriptor do nosso belo idioma, além de auctoridade,

seu glorioso companheiro nas letras e tambem na fraternal amisade que sempre os uniu, a fama literaria que nunca mais abandonaria, a esse tempo, já Ramalho Ortigão, sem deixar de ser colaborador efectivo do *Diario de Noticias*, visitava menos a sua redação, da qual fôra assiduo frequentador no tempo do seu amigo Eduardo Coelho, fundador d'este jornal e



do nosso jornalismo noticioso, literario, anunciador e ao alcance das classes populares, o saudoso e bonissimo jornalista, patriota na mais larga accepção do termo e honra da Imprensa da nossa terra.

Se as relações que tive a fortuna de manter com Ramalho Ortigão, no ultimo quartel da sua vida, me proporcionaram por vezes contemplar de perto alguma das facetas mais brilhantes do homem de letras, foi comtudo na sociedade mundana que ambos frequentavamos e no convívio de sua familia, que ele tanto amou e que lhe queria como ao mais venerado dos patriarcas, que me foi dado conhece-lo mais particularmente e apreciá-lo com mais admiração. Além de que, a predilecção que Ramalho votava apaixonadamente ás viagens e ao turismo, a que eu tambem tenho amorosamente consagrado todas as minhas férias, e mesmo algumas horas de labor tornava-me ainda mais atrahente o convívio do brilhante conversador, que a minha geração deificará desde os bancos das escolas, e mais enraizára em mim a profunda convicção—que chega quasi a uma crença— de que o Turismo, além da sua qualidade eminentemente aprazível, poderá ao mesmo tempo constituir uma das nos-

sas maiores industrias nacionaes. Para isto, porém, é indispensavel que a iniciativa particular, em vez de fundar mais companhias de seguros e mais casas ban-



RAMALHO ORTIGÃO

carias, que, segundo me parece, já temos bastantes, construa bons hotéis por esse paiz fóra, capitalisação quiçá mais lucrativa



e menos contingente; e que também os governos, em vez de tanta despeza improductiva em que os lançam as vicissitudes da politica de partidos, olhem a valer pela conservação e conclusão da nossa rede de estradas e de viação acelerada.

Sendo a «Propaganda de Portugal», com os seus 15.000 associados, a mais importante das sociedades de turismo do nosso paiz, e tendo sido por sua iniciativa que estes bancos foram construidos, permitir-me-heis que, em seu nome e no do turismo portuguez, eu venha, como um dos fundadores d'aquella Sociedade e seu director, embora o menos categorizado, prestar aqui rendida homenagem ao «varão de porte soberbo» e «ramalhal figura» que foi o percursor do turismo nacional e que para ele e para as nossas belezas regionaes chamou tantas vezes as atenções do seu grande publico, a bem dizer constituido por todos os que nos dois hemisferios praticam a lingua de Camões.

#### MINHAS SENHORAS, MEUS SENHORES.

Quando Ramalhão Ortigão empreendeu as suas primeiras viagens a algumas estancias de vilegiatura, foram as do Minho as suas preferidas. Tinha então 21 anos. As viagens n'esse tempo eram um tanto mais incomodas do que as de hoje... Não havia ainda caminhos de ferro e rareavam as estradas carreteiras. Estava-se no começo da «Regeneração», essa politica de fomento que abriu um largo parenthesis — infelizmente já de ha muito fechado — na vida atribulada que o paiz sofreu, em um longo periodo de convulsões e agitações sucessivas...

Conta Ramalho no seu livro «Banhos de Caldas e Aguas Mineraes» que effectuava então essas viagens «a cavallo n'uma mula», embrulhado no seu capote de jornada, com uma clavina no arção do selim, conforme o uso de todos os que n'esse tempo viajavam no Minho.

Era assim que se vinha então ao Gerez, que ele nos descreve, em 1875, como povoação insignificante, composta de pequenas casas, em grande parte de madei-

ra, habitadas por pastores, mas abandonadas durante o rigor do inverno; tendo além dos prestigio das suas caldas, então pouco mais que rudimentares, os atractivos da sua serra, riquissima pela flora, e, então, também, pela sua fauna e uma das mais interessantes para naturalistas e para os pintores, como hoje ainda é.

As caravanas de caçadores que aqui vinham, trazendo matilhas, viveres e barracas para acampar na serra e que Ramalho ainda conheceu, desapareceram com os trabalhos de arborização e foram com o andar dos tempos e principalmente com a aparição dos automoveis, substituidas pelas caravanas de *turismo*, do qual Ramalho foi um dos percursores do nosso paiz.

Turista á moda de Jean Jacques Rousseau, o grande percursor das excursões pedestres, Ramalho Ortigão envergava o seu *knickerbocker* de amplo corte inglez, calçava os seus basicos sapatos ferrados e, bordão solido em solido punho e sacco de viagem <sup>(1)</sup> á guisa de mochila, ei-lo por montes e vales a caminho das belezas mais pitorescas da nossa terra ou da vizinha Espanha, quando não dilatava até aos Alpes suissos os lazeres da sua laboriosa vida de intelectual.

Verdadeiro filho da Natureza — ele que paradoxalmente se aprazia nos meios mais

(1) Contou-me o Sr. José Thomaz de Sousa Pereira, regente florestal do Gerez ao tempo de uma das excursões de Ramalho Ortigão a esta serra, que no sacco apetrechado para dois dias de *camping* e em que não faltava o *tub* de borracha, uma vez, por esquecimento, não incluiu as navalhas de barba. Ao regressar ás Caldas tangia a sineta do hotel para jantar. O proprietario aguardava os excursionistas á porta da hospedaria e convidou-os amavelmente a irem sem demora reparar as suas forças na extensa e promiscua mesa já occupada por muitas senhoras da colonia balnear. Ramalho pediu que o esperassem dez minutos, enquanto ia barbear-se.

— Não vale a pena V. Ex.<sup>a</sup> estar com esse incomodo, disse o bom hoteleiro, estas senhoras não reparam...

Sim, retorquiu Ramalho com gravidade, mas ha umas senhoras, em Lisboa, se souberem reparam...

E foi fazer a barba.



requintadamente mundanos e artisticos das grandes capitaes — enthusiasma-se narrando-nos os minimos incidentes das inumeras excursões que realisou atravez do paiz da sua dileção — a nossa terra — e principalmente da sua provincia de Entre Douro e Minho. «Quem não a visitou não conhece de Portugal a porção do ceu e do solo mais vibrantemente viva e alegre, mais luminosa e cantante», escreveu ele amorosamente na sua «Vida Provincial», quasi exclusivamente dedicada ás provincias do norte do Douro; aos seus campos e casaes; ás suas estradas e diligencias; ás vinhas e aos lagares; ás industrias agricola e caseira; ás suas romarias e ao natal minhoto, com os presepios, as consoadas e as ceias; aos costumes burguezes e ás influencias estheticas...

Divinizava o Minho!

Parece-me ainda ouvil o descrever um almoço minhoto, cujo *menu* sublinhado com gula, se compunha de uma malga de odifero leite de cabra e de um naco substancial de excelente brôa, sahida ainda fumegante do forno do lavrador, que á sua vista e por suas mãos descolára do taipal de pedra aquela substancia, já ressequida, de *certo* adubo organico, que a ingenuidade aldeã considera ainda hoje uma vedação — talisman para que a brôa resulte saborosissima...

Foi com este adubo que Ramalho, indignado por ve-lo pejar tambem as ruas e as estradas, com grave prejuizo da lavoura, encaixilhou uma pagina das *Farpas*, que irreverentemente dedicou aos poderes publicos... não encimando, porém, a sua dedicatoria com este verso:

*Les charmes du fumier n'enyrent que les porcs*

parodia a um verso demolidor de Beaudelaire, que não quero citar n'esta epocha de demolição que vimos atravessando, para que se não diga que eu não creio que demolir é incomparavelmente mais facil que construir e mesmo que reconstruir... E em todo o caso não é com odios que se edifica...

Com que vivacidade comunicante e su-

gestiva Ramalho Ortigão, conversador emérito, que tinha o condão de captivar os seus ouvintes, com a sua volumosa e bem timbrada voz de baritono e a cadencia rithmica, quasi metronomica, da sua palavra colorida, nos contava o grande prazer que sentia, sempre que as suas excursões lhe proporcionavam o ensejo de assistir a uma d'essas romarias da provincia em que nasceu e que não tem igual ao resto do paiz, quer no pitoresco dos seus costumes, quer na animação das suas folganças, no encanto dos seus arraiaes e iluminações e ainda na religiosidade dos seus romeiros!

Se Ramalho como homem do norte, onde viveu uma larga quadra da sua existencia, se deleitava com as festas populares da sua região, não era com menor entusiasmo que ele nos fazia a descripção de uma d'essas feiras extremenhas, alemtejanas ou andaluzas, referindo-se especialmente á parte do campo destinada ao mercado de gados. Com que vigor descriptivo ele narra o espectáculo soberbo do vasto campo inundado de sol, — que em junho, ás 8 horas, já requeima — e transbordante de exemplares das mais belas raças!

As manadas de corpulentos e nédios cornupetos do Ribatejo; os mais belos cavalos da fina raça de Alter ou hispano-arabe; as belas e possantes mueres e as récuas de atarracados suinos das raças adiposas d'essa riquissima provincia do Alemtejo; os formosos rebanhos de pacificós merinos, cuja disciplina Rabelais immortalizou no seu «Pantagruel» e que durante a cruenta guerra, de que estamos sofrendo tambem os «horrores da paz», como disse algures um fornecedor das armadas, deram os seus corpos ao magarefe para nos compensar, nos limites das suas qualidades nutritivas, do enorme desfalque que sofreram as outras rezes, que constituíam a alimentação normal da população civil... E a palavra, phantasiada e ironizada de Ramalho emprestava a maxima impressão de força ao gesto com que ele se figurava ao abrir caminho com os cotovelos por entre a compacta multidão dos fei-



rantes e mirones, o que constituia, diziamos ele em tom convincente, um aprazível *sport*, em que se exercitavam todos os musculos...

Turista á moda de Taine, a quem se deve a classificação mais detalhada e humorística de todos os turistas passados, presentes e futuros, Ramalho Ortigão pertencia a essa variedade pouco vulgar em que, no dizer de um biographo, devia também ser classificado o grande escriptor francez, que a omitiu do seu estudo do natural, talvez com receio que se supuzesse que tinha talhado imodesta carapuça para si proprio:— a variedade do «turista inteligente». Esse turista aprecia mais alguma coisa que o hotel, a mesa redonda e a sua frasqueira; diverte-se com os pequenos nadas, com as agruras dos incidentes da viagem e com os ridiculos dos seus companheiros; e nos curtos mezes de vilegiatura — de vida errante e cheia de imprevisto — tudo representa para ele uma salutar diversão aos seus estudos e trabalhos.

Turista ainda á maneira dos Goncourt, cujo talento inovador exerce no seculo passado uma influencia sensível na evolução literaria universal, Ramalho Ortigão devia ter sentido a sedução d'aqueles espiritos de *élite*, com os quais mais de uma afinidade se podia notar no seu, quer nos gostos e tendencias artisticas, quer no campo das suas relações e, até mesmo, no das animadversões, que um e outros despertaram pelo culto persistente da Beleza e da Verdade, separando da historia a lenda e da critica o faccionismo, afastando-se intransigentemente dos meios burguezes e das *coteries* de bohemios e de iconoclastas, contraindo habitos de vida elegante como os que na *Maison d'un artiste* e no *Journal des Goncourt* revelavam ao publico os eruditos investigadores d'essa apaixonada historia do fim do seculo XVIII, e que deviam fatalmente concitar contra si malquerenças, odios e injustiças que ainda hoje se não extinguiram de todo.

Como turista pedestre, intelectual e artista, e sómente n'essa qualidade, esco-

lheu Ramalho as suas vilegiaturas e mais de uma vez assentou arraiais n'este pitoresco e apertado vale do Gerez, onde por certo o não chamaram as virtudes terapeuticas das suas caldás, pois a sua robustissima saude que, ainda aos 70 anos, fazia inveja á de tantos moços buliçosos, sómente o leitaria a recorrer ás frescas linfas gerezianas que n'estas horas estivais o proprio Olimpo trocaria por uma cornucopia de nectar!...

Na sua permanencia n'esta serra, ao tempo em que Emydio Navarro, outro grande precursor do turismo, não havia ainda iniciado a sua arborisação, que, de ano para ano, graças ao desvelado amor que lhe consagram os serviços florestais do Estado, vemos crescer em frondes e em riqueza, Ramalho visitava de preferencia o lugar onde nos encontramos e que lhe proporcionava um retiro ideal para as suas loucuras e locubrações. Diz-se até que n'este sitio ele forjara a tempera de algumas «farpas», na contemplação d'este ridente e formoso panorama, meio transmontano, meio minhoto... Compreende-se que este rincão da serra o atraísse!... Como o seu espirito devia repousar-se e deleitar-se aqui seguindo o curso d'este rio, que ainda vemos torturado entre os alcantis d'estas abruptas encostas e que mais adeante se emancipa d'esses tiranicos tutores para ir fecundar os verdejantes lameiros de Vilar de Veiga, que alem vemos em baixo, para cá do vasto biombo de montanhas que limita o horizonte, para o sul d'essa nesga da classica paisagem minhota, constituída por extensos milharaes orlados de pampanos, que se enlaçam graciosamente ás arvores adjacentes, emprestando-lhes a beleza dos seus fructos, a que elas servem de esteio, reconhecida colaboração que lhes fica devendo o famoso vinho verde...

*Terra de enlevos onde a vida abraça  
Com terna graça o castanheiro em flor.*

assim a pintou n'essa amorosa mancha um dos mais notaveis filhos da região, Pereira da Cunha.



Paisagem de sonho! Banhada por esta luz ideal, com todos os tons e coloridos, desde os mais leves e aurirozados que iluminam as cumiadas da serra nestes poentes imaginarios do Gerez — que se adivinham e se não vêem — dando-nos por vezes a ilusão, como hoje, desses longos poentes scandinavos do solesticio estival que se diluem no crepusculo matutino; até aos mais variados cambiantes com que tinge a atmospheria essa extensa escala de verdes, que começa nas tenues e claras manchas dos prados e vai até aos mais fortes e calidos tons das florestas dos abetos, que nos cercam, passando pelo verde bronzeado dos pampans e milharaes quando os seus fructos amadurecem!...

Paisagem de sonho! Como tu debes enamorar os artistas! E como Ramalho Ortigão, que foi um dos nossos maiores, se devia sentir feliz neste ambiente em que a Natureza se ergueu um trôno a si propria!...

O resto, o motivo por que levantámos estes modestos Bancos, di-lo a placa ha pouco descerrada.

#### MINHAS SENHORAS, MEUS SENHORES.

Se o turismo, de que foi o maior e mais valioso propagandista, trouxe por vezes Ramalho Ortigão a este lugar, que o seu nome glorioso já immortalizou, bem está que seja a nossa sociedade de turismo a «Propaganda de Portugal» quem lhe levante êste «padrão», que fica apenas atestando aos vindouros a passagem do eminente escritor pela Serra do Gerez.

Se a «Propaganda» se honra com esta iniciativa é tambem grande o desvanecimento que sentimos ao ver aqui, n'este lugar; juntos aos «Bancos de Ramalho», dando a suprema distincção a esta soledade a Sr.<sup>a</sup> D. Bertha Ortigão Ramos, e os Srs. José Vasco Ramalho Ortigão, Francisco da Cunha Ramalho Ortigão <sup>(1)</sup>

(1) Representava tambem seu pae Sr. Francisco Ramalho Ortigão, irmão do escritor, retido no Porto por doença grave de que faleceu á data d'esta publicação.

e Dr. Ortigão Miranda, filha, filho e sobrinhos do primoroso escritor, a sua familia, que ele amou com o mais carinhoso affecto e na qual se revia enternecido e vaidoso, da merecida consideração e sympathia que le consagra a sociedade, onde ela ocupa um lugar de destaque pelos seus dotes pessoaes, entre os quaes predominam a Bondade, a Inteligencia e o Trabalho, que serão sempre três forças maximas, apesar das transformações porque passem os povos, que delas nunca poderão prescindir para o seu engrandecimento e felicidade.

Em nome da «Propaganda de Portugal» consagro aqui o grande jubilo e reconhecimento por vêr n'esta singela homenagem ao glorioso escritor tão dignamente representada sua illustre familia.

#### SR. ENGENHEIRO SILVICULTOR CHEFE.

Em nome da Sociedade Propaganda de Portugal entrego a V. Ex.<sup>a</sup> estes Bancos, que com a devida autorização foram construidos n'esta parte da mata nacional, e aproveito esta ocasião para testemunhar o nosso penhorado agradecimento á dedicada colaboração que a Direcção que V. Ex.<sup>a</sup> representa nos prestou, transformando este caminho da floresta no apreziavel parque que hoje vêmos. A boa guarda fica entregue á nossa obra, sob as vistas de um serviço do Estado composto de tantos profissionaes de alta valia e que tem á frente um dos mais devotados apóstolos da arborisação do nosso paiz, que ligará sempre o nome de Pedro Roberto aos importantes trabalhos com que enriqueceu a silvicultura portugueza o turismo nacional, o qual nunca olvidará quanto deve ás pitorescas estradas florestaes que serpenteiam esta serra e, principalmente, a da Estrela, construidas sob a sua direcção geral.

Tambem ficarão bem guardados os «Bancos de Ramalho», confiada a sua conservação aos cuidados do Sr. Administrador desta mata <sup>(1)</sup>, o delineador deste

(1) O Sr. Guilherme Felgueiras, regente florestal.



lindo parque, onde, qual outro Moisés, fez brotar água d'estas escavadas rochas; um espirito muito culto e grande admirador do critico das *Farpas*, que ao fechar a «advertencia» com que prefaciava a edição de 1887, escrevia textualmente as seguintes palavras, que vou ler nesta ocasião e neste lugar, como á homenagem que considero mais grata á memoria de Ramalho Ortigão e que, apesar de impressas ha 33 anos,

bem podiam ser datadas de hoje mesmo.

«Se da agonia em que n'este momento parece debater-se a nacionalidade portugueza, profundamente ferida n'os mais importantes centros da vida publica, sobreviver ainda uma Patria, ela reconhecerá talvez, n'um ou n'outro ponto d'estas ligeiras narrativas, a palpitação comovida de um coração que amou.»

Tenho dito.

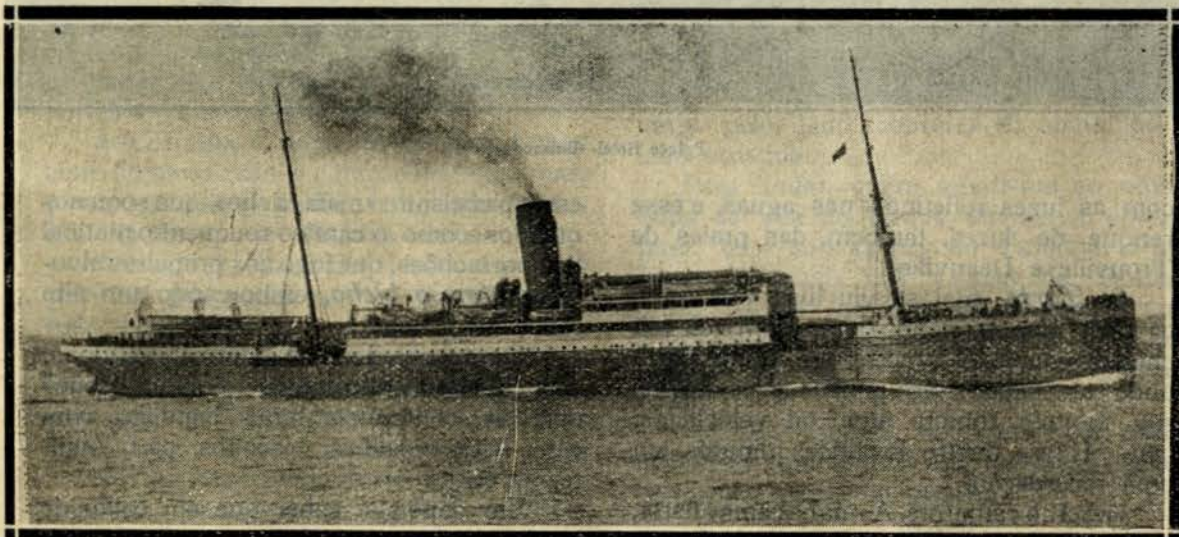
## CARTAS DE PARIS

*Uma viagem a bordo do Porto—Do Havre a Lisboa—A disciplina e a ordem a bordo—Um comandante taciturno—Os nossos hotéis de Portugal—O «Europa», o «Palace» do Bussaco, Vila do Conde e o seu hotel estylo Portuguez—O Hotel das Caldas da Saude.*

Os meus entusiasmos pela nossa marinha mercante levaram-me a, tendo que ir a Lisboa, preferir a viagem por mar, ao caminho de ferro.

No Havre tomei lugar no belo paquete

*Porto*, que devia fazer a escala por Corunha, Vigo e Leixões. Era a viagem assim demorada? Deixa-lo. O prazer de me sentir n'um barco portuguez e, sobre tudo, da linha do Brazil, fez-me esquecer depressa esse incon-

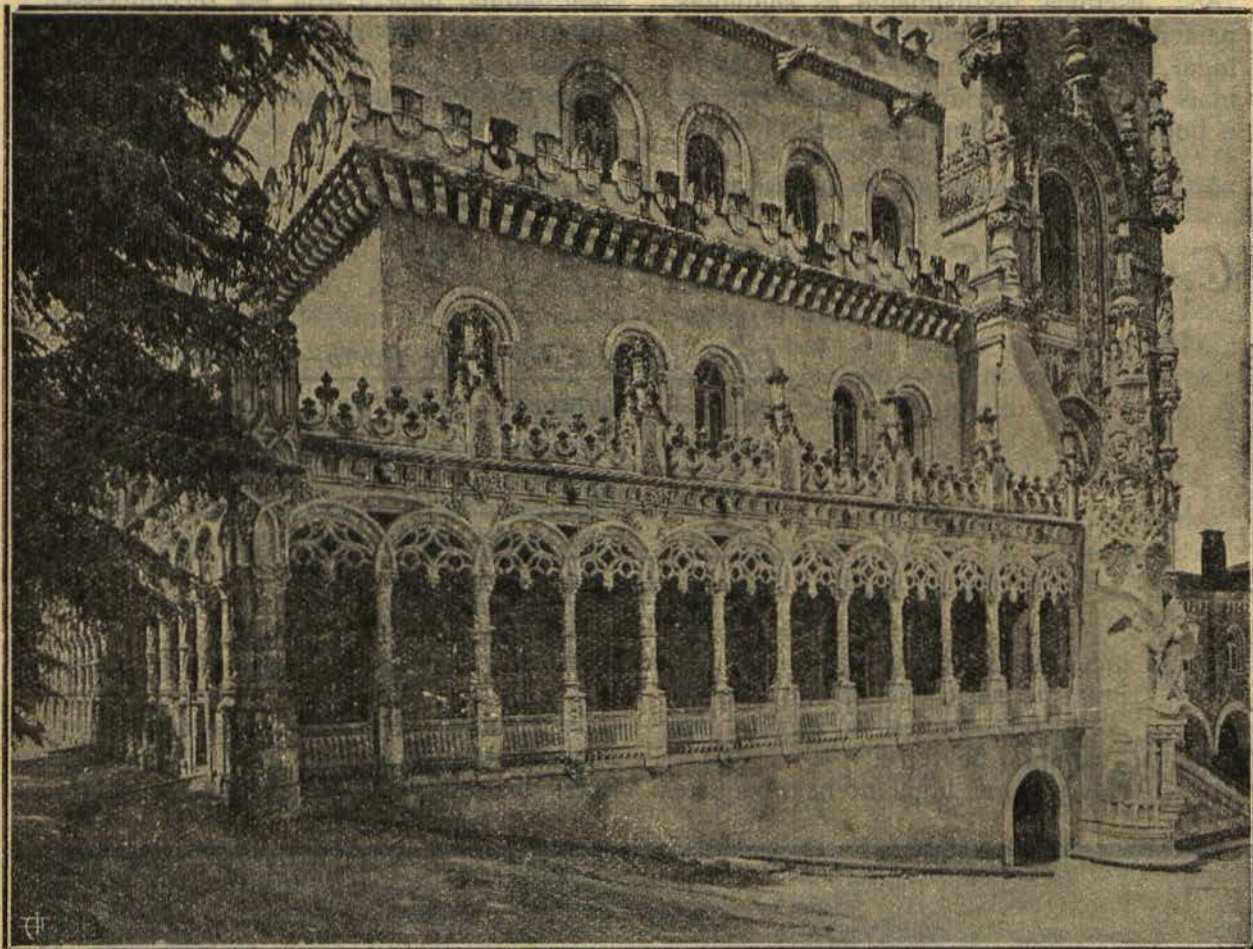


O magnífico vapor Porto dos Transportes Marítimos do Estado



veniente. Partimos á noite. Era uma hora, talvez. Ninguém se tinha deitado; todos queriam vêr sahir o navio, ve-lo atravessar as docas, e, por fim, gosar esse panorama, soberbo do Havre, todo iluminado,

A's 8 horas da manhã do dia seguinte, um criado de mansinho, quasi nos bicos dos pés, vinha perguntar se queria «mata-bicho»! Puz-me a meditar na cama, como n'aquelle; paquete de luxo, teria entrado



Palace Hotel—Bussaco

com as luzes refletindo nas aguas, e esse renque de luzes, tambem, das praias de Trouville e Deanville.

O *Porto*, mal se viu livre dos rebocadores que o conduziam, com os mil cuidados que é preciso ter n'um porto onde as docas são poucas e os navios são muitos, tomou uma tal velocidade, que o Havre, dentro de poucos minutos, era uma recordação.

Desci ao camarote. A minha cama aberta, tinha um ar de conchego que a fadiga de 2 dias de trabalhos apreciou sobremaneira.

esse plebeismo «mata-bicho» que souo aos ouvidos como o cantico rouquenho matinal dos borrachões, que logo aos primeiros alvres *matam o bicho*, emborcando um alto calice de genebra!

Não respondi; mas o criado vendo no silencio uma afirmativa, d'ahi a pouco aparecia com uma larga bandeja, com café, leite, bolachas, biscoitos, pão, manteiga, etc.

Vim depois a saber que em calão de bordo, o pequeno almoço toma o nome do *mata-bicho*.



Levantei-me pouco depois e subi ao convez. Estávamos em pleno mar. Uma aragem fresca limpava o ambiente. Havia uma atmospheria leve e um ar de asseio que corria todo o vapor. A ordem e a disciplina vieram logo ao nosso encontro, já pelas maneiras correctas do pessoal, já pela urbanidade da officialidade. A's 9 horas era servido o primeiro almoço: dois pratos frios, dois quentes e uma infinidade de fructas. O commissario, homem fino e educado, veio informar-se se os passageiros tinham dormido bem, se faltaria alguma coisa. Os officiaes, sem distincção, usavam dos termos mais cortezes e do trato mais afavel. O comandante, raro aparecia; via-se ás vezes ao canto da ponte, de binoculo em punho, examinando algum barco que passava, ou a terra distante. Falava pouco. Era d'estes homens taciturnos que passam a vida conversando apenas com o mar.

O *Porto* é dos melhores barcos da marinha mercante portugueza. Dispõe de 212 lugares de 1.<sup>a</sup> classe, 116 de 2.<sup>a</sup> e de duas cobertas para emigrantes. Os seus camarotes, espaçosos e bem arejados, são extremamente confortaveis. O salão de jantar, a sala das senhoras, o salão de festas, são dignos d'um paquete de 1.<sup>a</sup> classe.

Dois dias de viagem e chegamos a Corunha, onde as autoridades hespanholas permitiram a entrada, em terra, a toda a gente, sem se importarem com passaportes e com formalidades.

A Corunha é uma cidade antiga mas com algumas ruas e edificações modernas, e um grandioso jardim onde uma profusão de rosas se desfolhavam ao vento.

Parece, porem, uma cidade morta, já pelo seu porto sem navios, já pelas suas ruas desertas.

Outro tanto não acontece em Vigo cujo progresso, quer em arruamentos, quer em movimento, augmenta de ano para ano.

No seu esplendido porto varios navios estavam descarregando mercadorias, e o movimento nas ruas da cidade, era bastante animado.

Na manhã do quarto dia de viagem chegavamos a Leixões, e no dia seguinte entravamos a barra de Lisboa, ao lado dos vapores portuguezes *Lima* e *Pam-gim*, o que nos deu a visão da marinha mercante grandiosa a que as nossas tradições nos dão direito a esperar.

Vou reservar este ultimo capitulo a quatro hotéis novos que visitei em Portugal, e que me deram a esperanza que a negação que nós tinhamos para a industria hoteleira vae desaparecer.

Primeiro foi o *Europa*, ali no Camões, onde me hospedei, e cuja instalação, moderna e higienica, bem honra o seu proprietario, o arrojado hoteleiro sr. Alexandre de Almeida, que ama a sua profissão com uma grande alma de patriota.

O segundo hotel foi o do *Bussaco*, que o mesmo senhor tomou ha pouco d'arrendamento e que está transformando radicalmente, tanto nas salas como nos quartos e nas demais dependencias do magestoso edificio. Estive ali ha anos e a impressão que então colhi foi desoladora, pois o seu arrendatario tinha maculado aqueles azulejos magnificos e aquela architectura manuelina, com moveis de fancaria, cadeiras austriacas e mesas de pinho. Agora não. O hotel parece outro. O mobiliario a caracter, não destôa do estylo das paredes, nem com o dos tetos magnificos; antes pelo contrario—completam-nos tanto pelo lado confortavel como pelo lado artistico.

Para findar, quero referir-me ao novo hotel de Vila do Conde, em estylo portuguez, feito sob as leis do Turismo, e ao Hotel Thermal, nas Caldas da Saude, n'um recanto minhoto, da mesma forma confortavel, e cuja construção se deve ao grande benemerito sr. Albino de Souza Cruz.

Ali me esqueci da vida e do calor abrazante que n'este ano da graça desabou sobre este Paiz pecador.

Paris, julho.

GUERRA MAIO.



## ARTE E LITERATURA

## CANTIGAS PORTUGUEZAS

*Por uns olhos que fugiram,  
O lume dos meus perdi;  
Porque nem elles me viram,  
Nem eu tambem mais vi.*

LUIZ DE CAMÕES

*Nossa Senhora faz meia,  
Com linha feita de luz;  
O novello é lua cheia,  
— As meias são pra Jesus.*

ANTONIO NOBRE

*Faça Deus maior o mundo,  
Terra, ceus, e mar maior;  
Não faz nada tão profundo,  
Tão vasto como este amôr!*

JOÃO DE DEUS

*Amei e fui desamado,  
Foi o que devia sêr;  
Não era nobreza dar  
Com tenção de receber.*

A. CORREIA D'OLIVEIRA

*Raparigas, tomae tento;  
Cachopas, não vos fiéis:  
— Cantigas leva-as o vento,  
Cartas d'amôr são papeis.*

AUGUSTO GIL

*Hei de enterrar os meus olhos,  
N'uma cova ao pé do mar!  
— Já que a morte me não lêva,  
Ninguem me ha de ver chorar.*

ANTONIO BOTTO

*Essas todas que eu amei,  
Amôr, antes de te amar,  
Foram degraus que trepei  
Pra te poder alcançar.*

JOÃO DE BARROS





## CARTAS DE LONGE

### CHRONICAS D'UM TURISTA SENTIMENTAL

MEU CARO RUY

A nostalgia dos bons amigos, que te nasceu n'essas longiquas paragens em que habitas, para as bandas do «entre Minho e Douro»—que Ramalho Ortigão artisticamente coloriu com as mais finas estrofes do seu subtilissimo espirito—fez com que me viesses despertar n'esta lethargia que de ha muito me domina e a que só varios amigos me arrancam — sempre nõ intuito benefico de me proporcionarem um novo alento para a... vida; mal-pensando—coitados—que, muitas vezes, esse alento que eles — esses raros amigos — me querem d'algum modo insuflar, me trazem recordações tristes, momentos de profunda meditação, a que um rancor extremo pelas ironias com que sarcasticamente o Destino me vergasteia, me causam peor mal do que viver sempre sob o pezo maximo d'esta dominação a que me acho subjugado, alimentando-me do meu infortunio, do meu passado, que se contem n'um livro folheado por mim dia a dia e sem esperanças de encontrar melhor futuro nas paginas seguintes.

Porém, a tua auctoritaria intimativa de bom amigo, impoz-me a condição de ir; e a subtiliza do teu delicado espirito levou-me na companhia do Zé Lisboa, porque bem sabias que eu não iria sem ele.

E' o meu outro-eu.

Achaste que os momentos deliciosos por que, certamente, iamos passar du-

rante a tua fidalga hospitalidade, só seriam descriptos com o relêvo que os caracterisasse por um sentimentalista — e impuzeste-me tambem essa obrigação.

Com ela (como eu te percebi!!!) quizeste lêr mais tarde paginas d'um pedaço da tua vida que o «turista» material não poderia nem saberia descrever pela forma exigida pelo teu sublime espirito, e assim, escravizaste-me cezariamente a este esforço, para mim já enorme, mas ao mesmo tempo saboroso.

Por um extranho paradoxo, as minhas forças alquebradas, mais ainda se debilitam ao contacto do ar puro das montanhas. — E sabes porquê?

Porque como não tenho o campo propicio para o desenvolvimento dos ricos tonificantes que elas me poderiam fornecer, a sua ação exerce sobre mim um resultado negativo.

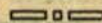
E' o fructo d'uma especiosa compleição.

Mas emfim.

Exigiste-me uma *fotografia* da *Lavandeira*; pediste-me um quadro da tua região; impuzeste-me um esboço da tua actual vida, e eu deixei-te exigir, pedir, impor.

Meditei se havia de ser-te obediente, se devia revoltar-me contra a tua ambiciosa autocracia — e a voz do coração gritou-me: *Obedece*.

Por isso aqui estou.



— Mas como fazel'o?

Teria cumprido os teus desejos se re-



velasse, de seguida, os factos emotivos que se impressionaram no meu espirito sobre cada um dos aspectos que, então, a minha vista focou; mas tanta foi a diversidade que, apesar da sua nitida fixagem, não poderei traduzil'os de per si com o colorido, com a vida e relêvo com que se me apresentavam.

Acresce ainda que, quasi no fim da minha viagem, isto é, momentos antes de tomar o rumo da minha thebayda, um acontecimento de perduraveis recordações veiu esmorecer o sabor que a minha lembrança conservava dos prazeres espirituaes que até ahi tinha gozado.

Isso dificulta-me o lavôr d'uma brilada tradução das impressões recolhidas na minha fraca placa espiritual, durante essa obrigada vilegiatura a que saborosamente me compelistes.

Tentarei, porem, por um esforço sobrehumano satisfazer os teus desejos; mas lentamente, para evitar excessos de fantasias, pausadamente, para que as côes dos quadros que apresentarei não firam a vista por excesso ou por... carencia.

Muito teu

MARIO DE MONT'ALVÃO

De Longe—Agosto 1921

## A "Revista de Turismo,"

### NO 5.º ANIVERSARIO

POR motivo do quinto aniversario da *Revista de Turismo* temos recebido as mais inequívocas provas de consideração e apreço, que muito nos teem sensibilizado e pelo que aqui consignamos a todos que se nos dirigiram, os nossos mais penhorados agradecimentos.

Aos nossos colegas da imprensa que, ao mesmo facto, deram especial registo, transmitimos os protestos de reconhecimento pela sua captivante solidariedade.

Por termos recebido, já depois de prompto o nosso anterior numero, não pudemos

n'ele inserir o artigo que o nosso bom amigo e obsequioso colaborador, Sr. Fernando Mendes, nos enviou como sympathico preito pelo aniversario da *Revista de Turismo*.

Publicando-o n'este numero, damos aos nossos leitores o prazer de apreciar a interessante proza do illustre estylista, a quem enviamos os nossos agradecidos cumprimentos.

## NOVOS HOTEIS

### Em Barca d'Alva

N'ESTA parte da terra portugueza, fronteira da visinha Espanha abriu, ha pouco, o novo hotel que se acha instalado na parte superior da estação do caminho de ferro, tendo a Direcção do Minho e Douro feito construir para esse fim uma casa com todas as regras de hygiene

O novo hotel, que dispõe de oito quartos espaçosos, pode receber 16 pessoas, o que é já importante, tendo em vista o pouco movimento de passageiros que o utilizarão.

Era, porem, uma falta que muito se fazia sentir, pois alguns passageiros eram obrigados a pernoitar sem outro comodo que não fosse a utilização d'uma carruagem.

O serviço de restaurant da estação, de que o hotel é anexo foi tambem remodelado.

### Na Guarda

A CABA de ser aberto ao publico o *Hotel Egittense*, n'um belo edificio moderno da parte nova da cidade. Esse melhoramento muito vae contribuir para o desenvolvimento do turismo, pois a Guarda não tinha um hotel digno d'esse nome.

### Em Castelo Branco

O conhecido hoteleiro de Castelo Branco, sr. Antonio Sarzedas, está fazendo construir n'esta cidade um grande edificio para hotel, que pretende dotar com todas as modernas condições de hygiene e de conforto.

O edificio que tem trez fachadas, está muito adiantado, e disporá de cerca de cincoenta quartos.

E' tambem um melhoramento que Castelo Branco bem precisava.

Composto e impresso no CENTRO TIPOGRAPHICO COLONIAL—  
Largo Raphael Bordalo Pinheiro, 27—(Antigo Largo d'Abegoaria)